

VIOLÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: BULLYING E PRECONCEITO

**VIOLENCE IN HIGHER EDUCATION:
BULLYING AND PREJUDICE**

**VIOLENCIA EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR
EL ACOSO Y LOS PREJUICIOS**

Haira Lima Ribas

Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pedagoga do Instituto Federal do Paraná. E-mail: haira.ribas@ifpr.edu.br

Cleonice Aparecida Raphael da Silva

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: cleoraphael2017@gmail.com

Laís Bastos Marchesoni

Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: lbastosmarchesoni@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi61.67672>

Recebido em 07/03/2023

Aceito em 27/04/2023

Notandum, ano XXVI, 2023

CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Resumo

O presente artigo de revisão bibliográfica, tem como objetivo compreender as manifestações de violência no ensino superior, tendo como base teórica a Teoria Crítica da Sociedade, especialmente os estudos de Theodor W. Adorno. Foi realizada uma busca de artigos e pesquisas sobre a temática na base de dados da SciELO, na plataforma *google* acadêmico e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, em oito de abril de 2022 e para a sistematização dos dados foi utilizada a análise de conteúdo proposta por Adorno (2008). Como resultado, foram encontrados quatro artigos e uma dissertação que coadunam com a proposta da presente revisão, pois retratam as formas de violência que se manifestam no ensino superior, como o trote, o *bullying* e o preconceito, sendo estes últimos modos mais regredidos para a expressão da agressividade psíquica, o que evidencia que a verticalização da educação não garante o desenvolvimento global e que a universidade revela uma estrutura social que tem como base a dominação.

Palavras-chave: Violência. Ensino superior. Teoria Crítica.

Abstract

This literature review article aims to understand the manifestations of violence in higher education, having as its theoretical basis the Critical Theory of Society, especially the studies of Theodor W. Adorno. A search for articles and research on the theme was carried out in the SciELO database, in the google academic platform and in the CAPES Theses and Dissertations Catalog, on April 8, 2022. For the systematization of the data, the content analysis proposed by Adorno (2008) was used. As a result, four articles and one dissertation were found that are consistent with the proposal of this review, as they portray the forms of violence that manifest themselves in higher education, such as hazing, bullying and prejudice, the latter being more regressed modes for the expression of psychic aggressiveness, which shows that the verticalization of education does not guarantee the overall development and that the university reveals a social structure that is based on domination.

Keywords: Violence. University education. Critical Theory.

Resumen

Este artículo de revisión bibliográfica tiene como objetivo comprender las manifestaciones de la violencia en la educación superior, teniendo como base teórica la Teoría Crítica de la Sociedad, especialmente los estudios de Theodor W. Adorno. Se realizó una búsqueda de artículos e investigaciones sobre el tema en la base de datos SciELO, en la plataforma google academic y en el Catálogo de Tesis y Disertaciones de CAPES, el 8 de abril de 2022 y para la sistematización de los datos se utilizó el análisis de contenido propuesto por Adorno (2008). Como resultado, se encontraron cuatro artículos y una disertación que son consistentes con la propuesta de esta revisión, ya que retratan las formas de violencia que se manifiestan en la educación superior, como las novatadas, el bullying y el prejuicio, siendo estos últimos modos más regresivos para la expresión de la agresividad psíquica, lo que demuestra que la verticalización de la educación no garantiza el desarrollo integral y que la universidad revela una estructura social que se basa en la dominación.

Palabras clave: Violencia. Enseñanza superior. Teoría Crítica.

Introdução

Atualmente, subsiste uma tendência à destruição, que é fortalecida com o avanço do progresso (CROCHICK, 2019). Adorno (1995, p.12) esclarece que “[...] o próprio processo que impõe a barbárie aos homens ao mesmo tempo constitui a base de sua sobrevivência”. Para o autor o processo de desenvolvimento da sociedade em suas bases materiais, é desigual, vai na contramão do desenvolvimento humano. Os avanços científicos e tecnológicos, favorecem o progresso material, que avança em detrimento do humano; dito de outro modo, faz a técnica aumentar e a humanidade diminuir, o que conseqüentemente gera uma violência social velada, que pode ser percebida quando interesses de determinados grupos sociais se sobrepõem a outros.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Marcuse (1987, p.14), argumenta que na sociedade industrial desenvolvida, a “[...] produtividade é destruidora do livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas, sua paz, mantida pela constante ameaça de guerra, seu crescimento, dependente da repressão das possibilidades reais de amenizar a luta pela existência”. Essa repressão é diferente daquela que caracterizou os estágios menos desenvolvidos da sociedade atual, ela opera como um conjunto de forças, o que significa dizer que as aptidões intelectuais e materiais, bem como a influência e o alcance da dominação da sociedade sobre o indivíduo é bem maior do que antes. Nas palavras de Horkheimer (1990):

O processo de produção influencia os homens não só da maneira direta e atual, tal como eles o experimentam em seu próprio trabalho, mas também da forma como ele se situa dentro das instituições relativamente fixas, ou seja, daquelas que só lentamente se transformam, como a família, a escola, a igreja, as instituições de arte e semelhantes (HORKHEIMER, 1990, p.180).

O progresso técnico, cria formas de vida e de poder, que busca conciliar as forças que se opõem ao sistema e rejeitar todos os protestos em nome das perspectivas históricas de libertação da labuta e da dominação (MARCUSE, 1987). A dominação, por sua vez, tem um conteúdo e uma função social determinados por forças externas sobre as quais o indivíduo não tem controle. Adorno (1995) argumenta que,

As relações sociais não afetam somente as condições da produção econômica e material, mas também interagem no plano da "subjetividade", onde originam relações de dominação. Ao lado da identificação entre ciência e forças produtivas, já assinalada, a integração social das classes trabalhadoras, a manipulação das massas no nazifascismo e a expansão das sociedades consumistas seriam exemplos concretos dessas formas de dominação (ADORNO, 1995, p.19).

A dominação pode ser uma das causas da violência, mas não precisa necessariamente sê-lo, o problema é que a dominação, em última instância, conduz a violência. Segundo Arendt (1989, p.141), a violência faz parte da própria construção e manutenção da sociedade; ela se apresenta “[...] como prova de que nenhuma sociedade pode existir exceto em um quadro de referência autoritária”. Para a autora

É da maior importância em nosso contexto, contudo, o fato de um elemento de violência ser inevitavelmente inerente a todas as atividades do fazer, do fabricar e do produzir, isto é, a todas as atividades pelas quais os homens se confrontam diretamente com a natureza (ARENDRT, 1989, p. 151).

Essa ideia revela que, se por um lado “A sociedade permanece baseada na força física, conseguindo impor suas determinações quando é necessário somente mediante a violência física” (ADORNO, 1995, p.106), por outro lado, a violência, não se restringe apenas a física, podendo ser atribuída a outros aspectos, como emocional e psicológico.

Sob essas condições, a violência, adentra, até mesmo aqueles espaços que poderiam servir à autorreflexão crítica, como é o caso das universidades que, de espaço para a formação, se convertem em espaços de barbárie. Nas palavras de Adorno (2005, p.21) este “[...] seria espaço propício à auto-reflexão e crítica à esta mesma formação, e assim possibilidade de incentivo à cultura, autonomia e liberdade”, contudo, à medida que se torna expressão da semiformação presente na sociedade, reproduz a própria sociedade, tornando-se espaço de manifestação da violência social. Nessa perspectiva, a violência que acontece no ambiente acadêmico precisa ser compreendida para além de fatores individuais.

Crochick, Lima, Dias e Ferber (2021) corroboram a compreensão de que no contexto das relações sociais, cada indivíduo depara-se com processos de exclusão inerentes ao sistema social, que são reforçados e naturalizados em situações de violência, injustiça e preconceito. A organização social, com suas divisões hierárquicas e classificações entre melhores e piores, com maior ou menor desempenho, são fatores que permitem, e de uma certa forma justificam, a violência de uns sobre outros. Essa valorização de alguns em relação a outros, pode significar condutas violentas como forma de ação e reação, ou seja, um reflexo violento em detrimento de uma ação anteriormente realizada com violência (CROCHICK, LIMA DIAS, FERBER, 2021), inclusive, no espaço educacional; por isso a questão da violência “[...] deve ser examinada à luz da própria escola, seus processos educativos de valorização da competição e da produtividade em relação com a sociedade que a sustenta” (apud CROCHÍK *et al.*, p.2, 2018).

Compreender as relações humanas e como essas relações podem ser marcadas pela violência, corroboram a conscientização. Portanto, com o objetivo de compreender as formas de violência manifestadas por estudantes do ensino superior, este artigo busca apoio em produções acadêmicas, por meio de revisão bibliográfica.

Para Luna (2009, p. 89), o estado da arte tem o objetivo levantar o que se sabe a respeito de uma determinada área, compreender seus entraves teóricos e lacunas, além de ser fonte de atualização para a produção teórica. Nessa perspectiva, para a realização da revisão de

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

literatura, foram realizadas buscas nas pesquisas *stricto sensu* disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, sem delimitação de recorte temporal, em oito de abril de 2022.

A primeira busca utilizou os descritores “violência AND preconceito AND idade AND ensino superior”, e foram encontrados dezoito resultados. A segunda busca, utilizou os descritores “bullying AND preconceito AND idade AND ensino superior” e foram encontrados cinco resultados, porém, em ambos os casos, nenhuma das produções poderiam contribuir com o objeto proposto pela presente análise. Já com os descritores “violência AND Bullying AND idade AND ensino superior” foram encontradas cinquenta e sete produções acadêmicas, porém depois de análise dos resumos, considerou-se que apenas uma dissertação poderia contribuir com o objeto de estudo aqui pretendido, sendo que os demais trabalhos tinham como foco outras temáticas.

Da mesma maneira, buscas foram realizadas em outras duas bases de dados: Na *SciELO*, em oito de abril de 2022, utilizando os descritores “violência AND bullying AND idade AND ensino superior”, encontramos apenas um artigo, o qual não poderia ser usado para fins deste mesmo; Na plataforma *Google Acadêmico*, em oito de abril de 2022, utilizando os descritores “violência AND bullying AND idade AND ensino superior AND ‘teoria crítica da sociedade’”, foram encontrados cento e vinte e oito resultados, logo após análise dos resultados, foi possível identificar que quatro dessas obras tinham como objeto de estudo os universitários e retratavam a violência no espaço acadêmico, sendo assim, selecionados para esta revisão. A dissertação e os quatro artigos, selecionados para análise são apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Trabalhos pesquisados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, banco de dados da SciELO e Google Acadêmico em 08/04/2022

Dissertação	Artigos
O sofrimento psíquico do discente universitário: uma análise crítica – SANTOS (2021) .	Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida – CROCHICK (2019) .
	A persistência do trote universitário e da violência no contexto educacional – RAMOS e SOUZA (2018)
	Hierarquias escolares: desempenho e Popularidade – CROCHIK, et al (2018)
	Recordações de maus-tratos escolares em alunos universitários - CROCHICK, LIMA DIAS, FERBER (2020)

Fonte: As autoras

A opção por tais artigos, justifica-se pelo fato de que os autores tratam a questão da violência no ensino superior. No artigo *Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida*, Crochick (2019) analisa a relação existente entre preconceito e bullying,

e desvela os aspectos psíquicos relacionados ao sadomasoquismo e narcisismo presentes em personalidade autoritárias, após pesquisa realizada com 161 estudantes de universidade pública de São Paulo, das áreas de ciências humanas, biológicas e exatas, com idade média de 22 anos. A hipótese desenvolvida pelo autor é a de que o narcisismo está mais relacionado com a prática do bullying do que o sadomasoquismo (2019, p.7).

Ramos e Souza (2018) apresentam o resultado de pesquisa de iniciação científica realizado em 2017, em que foram realizados, além de levantamento bibliográfico, entrevistas com calouros e veteranos que participaram de trotes e observação de trotes praticados nos cursos de Medicina e Engenharia Elétrica (2018, p.400). Tanto as entrevistas quanto as observações revelaram práticas violentas marcadas pela relação de hierarquia por meio do trote, tais quais os expressos na sociedade.

Já o artigo de Crochik, et al (2018) é resultado de pesquisa realizada com 135 alunos de universidades públicas de São Paulo. Ao retratar a desigualdade observada no processo educativo, os autores (p. 3) concordam com Adorno a respeito da exclusão social evidenciada na escola, que é manifestada por meio da pseudoformação, que consiste em uma formação para a adaptação às necessidades, exigências e manutenção da sociedade constituída. O resultado da pesquisa apresenta fortes indicações de que o ensino básico é marcado pelas duas hierarquias citadas por Adorno, baseadas no desempenho escolar, ou no desempenho nos esportes e afetivos, sendo que no ensino superior, elas estão presentes, porém manifestam-se de forma diversa. Outro dado apontado na pesquisa revela que ambas as hierarquias não derivam apenas de fatores individuais ou familiares dos estudantes, mas são desencadeadas pela estrutura social presente na escola (2018, p.14).

Crochick, Lima Dias e Ferber (2020) realizaram entrevista com 70 universitários de instituições públicas argentinas em 2017. O texto ressalta que a violência escolar deve ser compreendida para além de fatores individuais, considerando a vida em sociedade com seus processos de exclusão, a busca de formação para adaptação e naturalização de injustiças (2020, p.2), desta forma os estudantes de nível superior foram indagados sobre as formas de violências verificadas nos dois últimos níveis da educação básica. Dentre os resultados das pesquisas, destacam-se os papéis desempenhados em situação de violência - apoiador e autor da agressão e observador e vítima da violência - e a manutenção desses papéis na continuidade da trajetória escolar.

A dissertação de Santos (2021) teve como metodologia a realização de pesquisa teórico-conceitual sistematizada entre anos de 2015 a 2019 na base de dados do SciELO e nos

periódicos da CAPES, a fim de analisar o sofrimento discente permeado pela relação entre universidade e cultura. A organização de sua dissertação está dividida em três capítulos, sendo que o primeiro traz uma análise da universidade quanto sua organização e estrutura, e a relação de seus aspectos voltados à produtividade e o adoecimento, enquanto instituição inserida em uma dada sociedade. O segundo capítulo retrata o sofrimento psíquico constituído nessa cultura e as manifestações deste. O terceiro capítulo apresenta a análise dos artigos quanto aos fatores adoecedores ligados a sociedade e cultura (2021, p.21). A autora enfatiza o sofrimento psíquico relacionado à crise cultural proveniente da sociedade administrada (2021, p. 90).

Como apresentado, cada uma das pesquisas relacionam-se por retratar as formas de violência expressas no ensino superior. Amparando-se na Teoria Crítica da Sociedade, buscamos nos artigos elementos para desvelar as formas de violência manifestas na universidade. Considerando que para Adorno (2008, p. 223) “[...] questões metodológicas dependem concretamente das questões de conteúdo”, voltamo-nos à 'content analysis' – análise de conteúdo para extrair elementos dos artigos que pudessem evidenciar quais formas de violência são predominantes no ensino superior. Da 'content analysis' – análise de conteúdo resultou a elaboração de duas categorias de análise, sendo elas: 1) Universidade como espaço de formação e manifestação da violência; 2) Hierarquia escolar e meritocracia na relação com a violência. Por meio das categorias de análise busca-se aprofundar a temática proposta, com vistas a desvelar as manifestações de violência predominantes no ensino superior.

Universidade e formas de violência

A análise dos artigos aponta que uma das formas de violência mais comuns no ambiente educacional em todas as modalidades de ensino, inclusive no superior, é o bullying. Crochick (2019) apresenta a definição de bullying escolar como um ato de hostilidade de um aluno, ou de um grupo, que se caracteriza como superior a outro, dirigida a um mesmo estudante ou a um grupo menor por repetidas vezes. A vítima do bullying costuma não reagir às agressões de forma direta, o que pode gerar os mesmos sentimentos de angústia e de exclusão. Além disso, casos mais sérios de Bullying podem vir a acarretar situações extremas como assassinato ou suicídio. Para o autor, esta forma de violência, se diferencia das demais, pois acontece sistematicamente e em forma assimétrica entre o agressor e vítima.

A respeito dos motivos para a prática do bullying, convém destacar que esses podem estar associados “[...] ao desejo de pertença ao grupo dos quais se sente excluído, que força a destruição deste mesmo grupo para se realizar, demonstrando, por exemplo, desprezo pelo

aprendizado ou cultura” (CROCHICK, 2019, p. 4) . Ou seja, o não pertencimento gera frustrações no indivíduo, o qual projeta seu ódio em um objeto externo e tenta aniquilar o mesmo utilizando-se de violência.

Ao buscar diferenciar o bullying do preconceito, Crochick (2019), explica que no caso do primeiro o alvo da agressão demonstra alguma fragilidade, já no caso do preconceito, está relacionado mais ao autoritarismo e ao narcisismo, nesses casos os alvos da violência possuem em comum alguma “culpa”, e esse prejulgamento sustenta as ações de violência.

Embora relacionados, preconceito e bullying são formas de violência que se aplicam distintamente, pois o bullying “[...] está relacionado mais ao narcisismo do que ao sadomasoquismo, sendo assim, uma forma psíquica mais regredida, com necessidade de destruição e autoritarismo” (CROCHICK, 2019, p.8).

Para Crochick (2019) definir e diferenciar bullying e preconceito é fundamental para compreender o papel e as causas da violência na contemporaneidade, considerando que as situações nas quais ocorrem são distintas “[...] o alvo do preconceito é delimitado, com a projeção de seus próprios medos, desejos e expectativas, enquanto no bullying o alvo pode ser qualquer que se submeta a vontade de dominação” (CROCHICK, 2019, p.3).

É relevante para este estudo, as discussões e análises realizadas por Adorno (1995), destacadas por Crochick (2019), em que: “[...] o progresso social, calcado no avanço da tecnologia e na administração dos seres humanos como coisas, leva os indivíduos à regressão psíquica; quanto mais avançada a sociedade, menos individuadas são as pessoas” (CROCHICK, 2019, p. 8)

Ao relacionarmos a individualidade presente em nossa sociedade com a personalidade de estudantes universitários, revela-se que o progresso social percebido na contemporaneidade, não garante o desenvolvimento psíquico dos mesmos, e o bullying nesse contexto não se configura apenas como uma brincadeira inofensiva, “[...] mas configura-se como reflexo de uma sociedade que incentiva a violência” (CROCHICK, 2019, p.8) mesmo que a modernidade aparentemente tente evitá-la ou bani-la, causando uma contradição social.

Conforme resultado da pesquisa dos autores, onde se destaca a frequência e manutenção da violência, fica evidenciado que a formação universitária, nesta sociedade, voltada para a adaptação, que se intensifica para um fim em si mesma, “não parte de um processo rumo à formação de indivíduos capazes de produzir uma consciência verdadeira” (CROCHICK, LIMA DIAS, FERBER, 2021, p. 2), ou seja, deixa de cumprir sua principal função, e passa a

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

desempenhar outras que não são educativas, principalmente em relação a questões referentes a violência.

Coadunando com o expressado nas pesquisas, Marcuse (1999) em sua análise a respeito da influência da tecnologia sobre as individualidades, afirma que na sociedade racionalizada, com sua lógica de eficiência e padronização advinda da técnica, o pensamento autônomo teve que se reformular para se adequar às necessidades imediatas de base econômica. Neste cenário, o indivíduo se move conforme às necessidades heterônomas e seu desempenho é medido no atendimento às necessidades objetivas do aparato, ou seja,

[...] a liberdade do indivíduo está confinada à seleção dos meios mais adequados para alcançar uma meta que ele não determinou. enquanto o avanço individual independe de reconhecimento e se consuma no próprio trabalho, a eficiência é um desempenho recompensado e consumado apenas em seu valor para o aparato (MARCUSE, 2019, p.78).

Desta forma, a universidade imersa nesta sociedade de base racional tecnológica, coíbe a expressão do pensamento que não esteja associado a uma finalidade específica. No atendimento às necessidades subjetivas, a formação tem por finalidade ajustar o indivíduo às necessidades predeterminadas da sociedade e, neste contexto, a padronização do pensamento. Para Marcuse (2019, p.89) “Como há uma diminuição do número daqueles que têm liberdade de desempenho individual, há um aumento no número daqueles cuja individualidade é reduzida à autopreservação pela padronização”. A universidade, sendo aparato desta sociedade, não se abstém desta lógica, pois “a cultura tem um duplo caráter: remete à sociedade e intermedia esta e a semiformação” (ADORNO, 2005, p.02). Dialeticamente, a formação cultural é condição para uma sociedade sem exploração, porém para Adorno (2005) aquela formação que não seja um meio para o atendimento às necessidades heterônomas da sociedade, ao contrário, tal formação em seu sentido real expressa uma pseudoformação.

Os estudos de Ramos e Souza (2018), foram realizados com universitários participantes de trotes, atos comuns no início dos anos letivos de universidades, principalmente com calouros. Os autores associam a racionalidade instrumental e as configurações psíquicas, marcadas pelos traços de personalidade narcísica e sadomasoquista, ao afirmarem que “Esse processo influencia diretamente no comprometimento da capacidade de pensamento crítico que possa desafiar o *status quo* (RAMOS; SOUZA, 2018, p. 399).”

O trote, para os autores, é caracterizado como um ato violento advindo de uma manifestação de violência psíquica cuja prática é normalizada culturalmente. Justificado como

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

uma brincadeira de boas-vindas, esconde o processo de dominação e opressão que marca a entrada em uma universidade, seja ela pública ou privada. Quem se nega a participar desse momento, torna-se vítima de um processo de rejeição e exclusão em relação aos demais, sendo assim necessário se sujeitar a situações que não se sente à vontade e em segurança para ser aceito no grupo. Enquanto local de expressão da racionalidade, ingressar na universidade é necessário para aprendizado da técnica e imersão na cultura, porém, vê-se que: “A imposição do ajuste pela técnica toma a forma de argumentos racionais, que visam, a princípio, ao aumento da riqueza social e à melhoria das condições de vida, mas que, na verdade, atuam para a adaptação do sujeito a uma sociedade violenta e injusta” (RAMOS, SOUZA, 2018, p. 404).

Em suas pesquisas, os autores constataam a relação entre a universidade e o mundo do trabalho, que sugere, além da adaptação citada acima, a relação hierárquica de dominação que é revelada por meio do trote na relação veterano-calouro, como representação da relação abusiva patrão-empregado, que poderá sofrer posteriormente, conforme expresso pelos autores:

O que levanta mais camadas de que o trote é a reprodução das relações hierárquicas na universidade e da sociedade, porque, além disso, pode também reproduzir as relações hierárquicas do mundo do trabalho, que já exerce força descomunal sobre os sujeitos durante toda sua formação (RAMOS, SOUZA, 2018, p. 405).

Ainda sobre a violência no espaço acadêmico, Santos (2021, p. 15) em seus estudos sobre sofrimento psíquico “[...] cujo sentido expressa a manifestação individual da crise cultural presente na sociedade”, relata que dentre os aspectos ligados a violência neste espaço estão a questão do bullying, dos trotes e da homofobia, em que destacam-se o papel tanto do agressor quanto da vítima, principalmente quanto a diferenciação física, social ou cultural entre estes.

Santos (2021) define que para a escola de Frankfurt, a sociedade administrada, tem a violência como uma marca do progresso inerente às próprias relações humanas. Neste contexto, sendo a universidade um espaço de relações humanas, reflete a violência estrutural existente na sociedade. Nela, o indivíduo estará exposto a dominação do que sabe mais para o que sabe menos, “[...] o sofrimento psíquico, pode ocorrer de forma sutil, por meio, por exemplo, da pseudociência, que sustenta ideologias utilizando-se de argumentos como neutralidade científica” (SANTOS, 2021, p. 56). Dessa forma, o sofrimento do discente, ultrapassa seus aspectos individuais, estendendo-se a aspectos sociais, culturais, históricos e particulares do espaço, bem como da rotina de estudo e a pressão psicológica que isso traz, além do convívio diário com os demais colegas e professores:

Todavia, muitos dos estudos da literatura científica analisados neste trabalho ainda focalizam apenas os aspectos individuais, microsociais e fazem apontamentos de prevalências de transtornos a serem tratados, cooperando com a lógica neoliberal que reproduz determinados discursos como o discurso meritocrático, que ignora as condições objetivas da existência; a razão instrumental, que promove uma falsa formação pautada na quantidade e na utilidade; a medicalização, que silencia determinados sofrimentos (SANTOS, 2021, p. 22)

O modelo quantitativo, apresentado no interior das universidades, baseado no bom desempenho, pautados da razão instrumental, assim como na sociedade, reproduzem formas de dominação sobre a subjetividade humana, além disto, para a autora, o sofrimento psíquico revelado na universidade, proveniente desta crise cultural adoecedora “[...] pode estar presente na universidade, inclusive pelo excesso de cobrança por produtividade, sendo internalizada pelo sujeito e expressa no discurso científico” (2021, p. 73). Cobranças como um bom desempenho, obtenção de notas altas, otimização de tempo, melhor rendimento etc. adoecem o estudante tanto fisicamente, como psicologicamente, o que pode gerar danos irreparáveis, bem como, tornar o que deveria ser produção e formação científica em uma espécie de violência simbólica, o que será tratado mais profundamente a seguir.

Hierarquia escolar e meritocracia: relação com a violência

A hierarquia e a meritocracia presentes na dinâmica da sociedade contemporânea, mantém dentro da universidade relação com a violência. O artigo de Ramos e Souza (2018), retrata o trote tradicional, como manifestação da violência contra os recém chegados na universidade, através de opressão e dominação destes. De acordo com os autores, “[...] os trotes são marcados por formas de violência psicológica e situações vexatórias, com finalidade de adesão do indivíduo ao grupo” (RAMOS; SOUZA, 2018, p. 394) , revelando os contrastes sociais, marcados pela hierarquia que advém do modo de vida capitalista e que adentram na academia.

A hierarquia citada no artigo de Ramos e Santos (2018) demonstra uma divisão com base no poder. Sobre essa questão, Marcuse (2019, p.92) apresenta elementos que nos permitem dizer, que, embora haja um abismo entre a população subordinada e as que formulam projetos, uma clara divisão hierárquica com base no poder mais do que nas divisões de trabalho, ainda esses com maior destaque, têm suas habilidades e conhecimentos colocados à disposição dos interesses autocráticos. Essa divisão mantém e serve à sociedade administrada.

Em seu artigo “Hierarquias escolares: Desempenho e popularidade” de Crochik *et al.* (2018) elucida a presença de dupla estrutura hierarquia na escola – a oficial e não oficial; e analisa a manutenção da posição dos alunos na hierarquia ao longo dos três níveis da educação escolar - o fundamental II, ensino médio e ensino superior. Sobre as duas formas de hierarquia, o autor argumenta que a primeira se caracteriza pelo desempenho escolar, enquanto a segunda é representada por alunos que se destaquem em práticas esportivas, popularidade e namoro; ambas formas são marcadas e derivadas da organização do sistema escolar, e refletem relações de hierarquia e poder entre elas.

Além disso, Crochik (2018) destaca que a hierarquia estabelecida entre docentes e alunos é algo necessário para o andamento do trabalho pedagógico, porém, é necessário que o mesmo se coloque em posição de maior conhecedor em relação a determinados conteúdos, assim, poderá permitir a incorporação da cultura, e esse é um aspecto importante e necessário para o desenvolvimento crítico do aluno, como podemos verificar:

Essa é uma hierarquia que deve ser superada à medida que os alunos incorporam a matéria ensinada; o mesmo pode ser dito das hierarquias existentes entre os alunos: se os que têm melhor desempenho colaborarem com seus colegas, essas hierarquias também podem ser superadas (CROCHÍK *et al.* 2018, p. 5)

Nesse sentido, os autores recorrem a Adorno (1995b) para descrever que, a escola como espaço de formação para uma sociedade livre de injustiça, deveria se constituir de “indivíduos sensíveis, democráticos e emancipados, o que implica necessariamente uma educação escolar também contrária à violência e favorável ao conhecimento do que gera essa violência” (CROCHÍK *et al.* 2018, p. 3). No entanto, o que é percebido é contraponto a isso, a qual a hierarquia social, reproduzida na escola pela dupla hierarquia observada, seja ela formal e não formal, constituindo indivíduos violentos.

Como resultado deste estudo, os autores (2018, p.13) afirmam que o “[...] avanço nos níveis de ensino, que pressupõe um maior nível de desenvolvimento cognitivo e humano, não diminui os índices de violência observada na escola”. Os autores destacam fortes indicações de que o ensino básico é marcado pelas duas hierarquias discutidas por Adorno, baseadas no desempenho escolar, no desempenho nos esportes, ou nas relações afetivas. E no ensino superior, elas não se configuram da mesma forma, pois requer outras formas de desempenho, ainda mais reforçadas e cobradas.

Notandum, ano XXVI, 2023 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Quanto aos dados referentes ao desenvolvimento dos estudantes universitários, o artigo apresenta que o ingresso no ensino superior requer dos estudantes um avanço nas habilidades relacionadas à adaptação do que comparado à crítica:

Assim, de um lado, conforme citação feita inicialmente de Adorno, os alunos mais bem-comportados nos primeiros anos escolares tendem a ser autônomos, e os rebeldes criticam toda forma de autoridade, pois se julgam excluídos da cultura. De outro lado, os que conseguem ingressar no ensino superior não necessariamente são mais autônomos, mas mais adaptados ao que é valorizado socialmente, isto é, para esses alunos, cabe se destacar em toda forma de atuação, quer escolar, afetiva e esportiva (CROCHÍK *et al.* 2018, p. 14).

Ainda sobre este ponto, Crochick, Lima, Dias e Ferber (2021), buscam compreender se há variação no tipo de maus tratos entre os níveis primário e secundário no ensino superior, bem como, se há um padrão nos papéis desempenhados e a relação entre eles. Para tanto, nesta pesquisa foram realizadas entrevistas com setenta universitários de instituições públicas no ano de 2017. Os resultados das pesquisas constataam que os relatos mais predominantes dos universitários em relação a violência partem de maus tratos e de insultos sofridos pelos próprios estudantes. Em relação a relatos de agressões, alguns estudantes já relataram também ter sofrido dentro da universidade. Ainda foi observado que os mesmos tipos de agressões sofridas no ensino primário, também acontecem no secundário, como um reflexo do que se foi aprendido na infância.

Outro aspecto importante destacado durante a pesquisa (2021) refere-se a correlação existente entre os papéis nos dois níveis de ensino, assim como a padronização dos mesmos, dessa forma, quem desenvolveu um papel de apoiador de maus tratos no ensino primário, conseqüentemente tende a continuar exercendo este papel no ensino secundário, estendendo para a vida cotidiana, tornando-se um sujeito violento.

Ao descreverem os papéis assumidos na violência (2021), alvo do estudo proposto, os autores se referem aos que são agressores como estudantes que ocupam a hierarquia não oficial na escola, os que estão na base das duas hierarquias como vítimas de violência e os que tiram boas notas, ou seja os que fazem parte da hierarquia oficial e tiram boas notas, nem são agressores, nem vítimas. Assim o centro da questão está na estrutura escolar como espaço de reprodução que favorece a violência, ou local de convivência, voltado para a sensibilidade e contrário a violência.

Para os autores “[...] a escola não tem contribuído para a redução da violência entre os pares” (CROCHICK, LIMA, DIAS, FERBER, 2021, p.10), da mesma forma, a educação não

tem sido um objeto de pacificação, civilidade e libertação, dito de outro modo, não tem cumprido com seu papel concretamente, de lutar contra a barbárie e a violência presente em sociedade.

Considerações finais

Em seu texto *Educação após Auschwitz*, publicado em 1967, Adorno afirma que a meta mais importante para a educação deve ser a de que Auschwitz não se repita. Para o autor (2020, p.125) a formação deve garantir liberdade intelectual e formação de espírito, porém a organização escolar, em sua sistematização, se opõe a tais características à medida que busca preparar os estudantes para atender as necessidades da sociedade, sendo também a própria escola moldada conforme essas mesmas necessidades.

Adorno (2005) analisa que a educação, em que seja possível a autorreflexão crítica, pode contribuir para a emancipação. No entanto, o que se nota é a ausência da crítica e a projeção de um conhecimento cristalizado, que propõe e mantém uma sociedade pautada na dominação. Desta forma, quanto mais avançada a cultura e tecnologia, maior a tendência à regressão do desenvolvimento psíquico - a identificação cega com o coletivo – fundamentada por uma ideia educacional baseada na adaptação, severidade e meritocracia.

Tendo como pano de fundo as análises de Adorno, foi necessário pesquisar quais as formas de violência manifestadas na universidade, para compreender se a verticalização da educação pode favorecer o desenvolvimento humano global, culminando em uma educação de nível superior que privilegie uma consciência autônoma, como resultado do desenvolvimento permeado pela trajetória escolar. Ou ainda, verificar se a educação superior revela uma formação que estimula a violência - seja por meio de notas e méritos, seja por meio das interações humanas em seu interior – cooperando com a lógica de exclusão, resultando em uma proposta adaptativa à sociedade que pretende a hegemonia dos interesses de um pequeno grupo.

A primeira categoria de análise demonstrou que o progresso acadêmico não garante o desenvolvimento psíquico, sendo comum a violência na universidade, especialmente na forma de preconceito, bullying e trotes. A violência na universidade é demonstrada como representações da sociedade do progresso marcada pela exclusão, conferida, por exemplo, na relação hierárquica entre veterano-calouro, denotando a relação entre o patrão e o empregado.

Nessa perspectiva destaca-se o adoecimento dos estudantes como marca de violência estrutural observada na universidade, derivado de um modelo meritocrático em que prevalece a quantidade, pressão por notas e conceitos, resultados, etc. O conhecimento passa a ser um

meio para determinado fim, e não um fim em si mesmo. Deixa-se de pensar verdadeiramente, já que toda formação tem um objetivo voltado para a adaptação à sociedade. A formação torna-se mecanizada, seja para resultar em aprovação, preparo exclusivo para o trabalho ou composição de um currículo. Nas palavras de Horkheimer (2015, p.29) “abrindo mão de sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento”.

O incentivo aos bons resultados avaliativos, como prova de desempenho acadêmico, expressa a forma de dominação presente na sociedade do capital, em que as atividades se tornam mecanizadas e perdem o sentido em si, pois “quanto mais as ideias tornam-se automáticas, instrumentalizadas, menos se vê nelas pensamentos como um sentido próprio. Elas são consideradas coisas, máquinas” (HORKHEIMER, 2015, 30).

Outro resultado presente nesta categoria evidenciou uma educação para a coletividade, uma educação adaptativa. Não se pretende uma formação em que o estudante possa alcançar uma “consciência verdadeira” (CROCHICK, LIMA DIAS, FERBER, 2021, p. 2), mas em um preparo para desempenhar uma função social, um treinamento onde a reflexão e a crítica são desconsideradas.

Na segunda categoria de análise revelou-se a questão da hierarquia como forma de violência em destaque nos artigos e dissertação verificados. Desde o trote que é uma forma de violência validada pela sociedade que se utiliza das relações de poder expressas na hierarquia para subjugar e oprimir e, quando praticado nas universidades, expõe os recém chegados a situações vexatórias como forma de adesão ao grupo, até a hierarquia destacada na relação entre o docente e o estudante, que não se expressa no sentido de uma diferença devido ao conhecimento de um em relação ao outro, mas pelo status atribuído ao docente.

Outra relação de poder demonstrada nesta segunda categoria, se expressa na dupla hierarquia presente na escola e observáveis nos diversos níveis de ensino: uma formal, baseada na distinção que recebe aquele com melhor desempenho escolar, e outra informal, baseada no desempenho que os estudantes com baixo nível de aproveitamento acadêmico alcançam nos esportes ou relações afetivas. Essa distinção revela as formas de violência e maus tratos manifestadas na vida escolar, na forma de bullying e preconceito.

Esta dupla hierarquia que se observa em todos os níveis da educação básica, ainda que não estejam presentes na universidade desta mesma forma, não é superada no ensino superior, mas reconfigurada, pois a própria estrutura escolar favorece a reprodução da violência, segundo as pesquisas.

Dialeticamente a educação é fundamental para a promoção de pessoas emancipadas intelectual, cultural e socialmente que se posicionem contra todas as formas de injustiças, porém uma educação não objetificada, já que a “chave da transformação decisiva reside na sociedade e em sua relação na escola” (ADORNO, 2020, p. 126).

Segundo Adorno (2005), como reflexo da sociedade, o espaço de formação acadêmica, nesse caso a universidade, se transforma em local de reflexão crítica sobre a deformação cultural e semiformação advinda desta. De acordo com Crochick, Lima, Dias e Ferber (2021):

A vida escolar desempenha um importante papel na formação e pode contribuir com a reflexão e no combate a essas formas de violência e no estabelecimento de outros destinos para os impulsos agressivos que não o da dominação entre os seres humanos (CROCHICK, LIMA, DIAS, FERBER, 2021, p. 2).

A educação nesse contexto precisa se opor a todas as formas de violência, combatendo-a em todas as suas vertentes. Nos dizeres de Adorno (1995) precisa ser uma educação direcionada para a autorreflexão crítica, para a resistência à toda e qualquer forma de violência.

Referências

ADORNO T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W. **Teoria da semicultura**. In: Primeira Versão. Porto Velho, 2005. Disponível em <http://www.primeiraversao.unir.br/artigos_pdf/191_.pdf> Acesso em 20 mar. 2022.

ADORNO, T. W. **Introdução à Sociologia**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CROCHICK, J. L. Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida. **Psicologia USP [online]**. 2019, v. 30. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/DxFBvMddr9GQHkwrnGgMf3r/abstract/?lang=pt#>>. Acesso 08 abr. 2022.

CROCHICK, J. L., Dias, M. A. de L., & Ferber, H. M. Recordações de maus-tratos escolares em alunos universitários. **Acta Scientiarum. Education**. 2020, v. 43. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/48661>> Acesso em 08 abr. 2022.

CROCHIK, J. L. et al. Hierarquias escolares: desempenho e popularidade. **Educ. Pesqui**. 2018, São Paulo, v. 44. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022018000100428&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 08 Abr. 2022.

Notandum, ano XXVI, 2023
CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

HORKHEIMER, M. Eclipse da razão. 1 ed. São Paulo: Unesp, 2015.

HORKHEIMER, M. Autoridade e Família. In: **Teoria Crítica: uma documentação/Max Horkheimer**. Tradução Hilde Conh. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

LUNA, S. V. de Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: Educ. 1997

MARCUSE, H. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Fundação da Editora da Unesp, 1999.

MARCUSE, H. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: _____. **Tecnologia, guerra e facismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 1999, p. 73-104.

MARCUSE, H. As novas formas de controle. In: _____. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, p. 23-27.

RAMOS, C. E., SOUSA, C. L. R. A persistência do trote universitário e da violência no contexto educacional. **Revista Inter Ação**. 2018, Goiânia, v. 43, n. 2, p. 393–411. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/52526>>. Acesso em 08 abr. 2022.

SANTOS, B. N. **O sofrimento psíquico do discente universitário: uma análise crítica**. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11550>> Acesso em 08 abr. 2022.